

TEATRO, COMUNIDADE E UNIVERSO SIMBÓLICO

Prof. Dr. Robson Carlos Haderchpek¹(UFRN)

Resumo:

O presente artigo busca desenvolver uma reflexão acerca do tema: Teatro, Comunidade e Universo Simbólico, partindo das discussões promovidas pelo IDEA 2010 - 7º Congresso Mundial de Drama/Teatro e Educação que aconteceu em julho de 2010 em Belém/PA– Brasil, e das experiências artístico-pedagógicas desenvolvidas pelo autor. O texto propõe uma reflexão acerca da apreensão do universo simbólico de uma comunidade a fim de que se possa pensar numa ação artística, formativa e pedagógica. Parte-se do pressuposto de que a arte decorre da organização de uma experiência sensível, redimensionando símbolos e signos que remetem ao humano e ao universal.

Palavras-chave: Teatro; Universo Simbólico; Comunidade; Educação; Cultura.

O teatro, enquanto manifestação da cultura tem como uma de suas principais funções, resignificar os símbolos inerentes ao homem e interpretá-los de modo a provocar um diálogo entre o indivíduo e a sociedade. No entanto, em meio às produções herméticas da arte contemporânea que se pauta em rebuscados argumentos conceituais, perguntamo-nos: é possível ainda hoje fazer uma arte que promova o encontro do homem consigo mesmo, com sua cultura e com o universal? Qual a função da arte na sociedade atual? Seria possível romper com os discursos teóricos e dar voz para as reflexões provenientes da experiência teatral? Ou se quer percebemos o que está acontecendo à nossa volta?

Luis Otávio Burnier inicia o seu texto “A Arte de Ator” nos chamando a atenção para esse perigoso processo de transformação:

Yan, alma para os índios. Estaria ela perdida, esquecida, ou em simples e imperceptível transformação? Uma transformação que por não ser muito percebida vem a ser perigosa. Como lutar contra o que se quer percebemos, contra o que não se sabe? Será possível ter consciência daquilo que não se percebe? (BURNIER, 2001, p. 10).

Na tentativa de refletir acerca deste tema e de fundamentar uma discussão com base num “fazer”, me proponho a compartilhar uma experiência que vivi no IDEA 2010 - 7º Congresso Mundial de Drama/Teatro e Educação.

¹ Professor Adjunto do Curso de Teatro e do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UFRN. Doutor em Artes pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. É ator, diretor e pesquisador teatral. Membro do Grupo de Pesquisa CIRANDAR.

Em seguida, teço relações entre o tema abordado no referido congresso e minha prática artístico-pedagógica, buscando elucidar procedimentos e apontar alternativas de diálogo entre o teatro e a sociedade.

No período de 17 a 25 de julho de 2010 aconteceu no Brasil o IDEA 2010 - 7º Congresso Mundial de Drama/Teatro e Educação², um dos eventos internacionais mais importantes na área de teatro-educação. O congresso foi realizado em Belém/Amazônia – PA com o apoio da Universidade Federal do Pará, das Ilhas e das Comunidades da região metropolitana de Belém.

O IDEA foi fundado em 1992 e já foi realizado em Portugal, Quênia, Austrália, Noruega, Canadá e Hong Kong. No primeiro Congresso Mundial do *IDEA* realizado na América Latina, a ABRA - Rede Brasileira de Arte-educadores – atuou de modo a exercer importante contribuição para o fortalecimento de nossas linguagens artísticas (em especial do teatro) e para dar voz às culturas populares, a fim de que todos participem da construção de um novo paradigma educacional para o nosso século.

O citado evento procurou dar visibilidade a duas questões que norteiam o conceito de sustentabilidade do século XXI: a necessidade de celebrar e praticar a diversidade cultural como uma garantia pela democracia viva e participativa, e a necessidade de abraçar pedagogias baseadas nas artes e em nossas linguagens - saberes e técnicas de transformação - a fim de democratizar as comunidades e possibilitar um futuro sustentável e humano.

Dentro do IDEA há uma série de programas que abordam áreas específicas de discussão, e dentre elas destacamos o Programa Acadêmico-Pedagógico, do qual fiz parte em 2010. Neste, temos os *SIGs* (*Special Interest Groups*), que oferecem aos participantes a oportunidade de discutirem assuntos referentes a uma área específica de atuação. Cada *SIG* é formado por uma equipe de coordenadores e um grupo de pesquisadores internacionais que têm como meta o planejamento e a preparação do *SIG* para o Congresso. Estes pesquisadores são sugeridos após uma consulta internacional, feita com os membros do *IDEA* e diretores dos Congressos anteriores.

Em 2010, tivemos um total de doze *SIGs*, e o *SIG 7* – Comunidade e Desenvolvimento Sustentável - do qual participei como pesquisador - produziu uma série de discussões e vivências a respeito do trabalho do teatro nas comunidades e das tentativas dos pesquisadores de criarem condições para um desenvolvimento sustentável.

No referido *SIG*, tive a oportunidade de conhecer artistas, pesquisadores e pessoas de várias partes do mundo que desenvolvem trabalhos em comunidades, e através das discussões e debates iniciados no grupo comecei a tecer reflexões sobre o referido tema.

Trabalho com teatro em comunidades desde 1999 quando na época da Graduação em Artes Cênicas comecei a estagiar na Secretaria de Promoção Social da Prefeitura Municipal de Americana/SP. Antes disso já havia participado como ator de diversas atividades teatrais de caráter comunitário na cidade de Rio Claro, interior do estado de São Paulo, onde cresci. Desde

² Disponível em: <<http://www.idea2010.art.br/>> Acesso em 24 de nov. 2010.

estão, manifesto grande interesse pelo tema. Mas esta foi a primeira vez que tive a oportunidade de discutir com pesquisadores de outras partes do mundo acerca de problemas comuns.

Considerando a diversidade cultural e as especificidades de cada povo, comecei a me questionar acerca dos princípios que podem ser utilizados como base em trabalhos com arte na comunidade. E assim, passei a vislumbrar uma possível resposta.

Atualmente realizo um Projeto de Extensão e Pesquisa na Universidade Federal do Rio Grande do Norte³, e este tem como princípio norteador a troca com a comunidade. Inicialmente propus uma pesquisa sobre o tema “Histórias de Pescador” a fim de investigar o imaginário da população local, pois Natal é uma cidade de praia e muitos a denominam como uma cidade de passagem, pelo forte apelo turístico. Contudo, analisando a perspectiva histórica da cidade, se há alguém que de fato construiu e mantém alguma identidade cultural nesta região, este alguém com certeza tem ligação com o mar, com a pesca e com subsistência que é anterior ao turismo.

A partir desta dedução, formei um grupo de pesquisa e extensão com alunos da universidade e começamos a nos aproximar dos moradores da Vila de Ponta Negra, uma vila onde ainda residem muitas famílias de pescadores, e apesar da urbanização, ainda conserva atividades que guardam as raízes de uma cultura.

Quando chegamos à Vila de Ponta Negra, passamos a colaborar com um projeto⁴ que a Universidade já desenvolvia no local, e aos poucos fomos conhecendo as pessoas. Fomos familiarizando-nos com a forma de pensar, de agir, de produzir e preservar um “saber” e uma cultura, próprios daquela gente.

Este é um dos princípios norteadores de um trabalho com arte na comunidade, não se pode chegar “na casa do outro” dizendo o que ele pode ou não pode fazer, precisamos saber ouvir e perceber se aquelas pessoas querem ou não estabelecer um diálogo e um espaço de troca. Só assim, podemos de fato nos “encontrar” e deixar que a arte cumpra o seu papel.

Cresci no interior do estado de São Paulo e na minha região não havia praia, temos alguns rios que cruzam o estado e um deles passa pelo município de Rio Claro, no entanto, como é que eu podia chegar numa vila banhada pelo mar e dialogar com aquelas pessoas que tinham experiências tão diferentes das minhas? Daí há de se pensar como acontece o “encontro das águas”.

Somos todos seres humanos que construímos “saberes” a partir do nosso “fazer”, contudo, se possuímos experiências distintas, é natural que construamos um tipo de “saber” diferente do outro.

No SIG 7 do Congresso do IDEA, ao encontrar com pessoas de outras partes do mundo, que também trabalhavam com arte nas comunidades, entendi que cada qual à sua maneira, tinha uma forma de se aproximar desta realidade, e assim, estudar de que modo podiam usar a arte para planejar e

³ O Projeto de Extensão “Arkhétypos – Grupo de Teatro da UFRN” (PROEX) está vinculado ao Projeto de Pesquisa “Teatro e Ritual” (PROPESQ) desenvolvido pelo docente na referida Instituição.

⁴ Projeto “Encantos da Vila” coordenado pela Prof^ª. Dr^ª. Teodora de Araújo Alves.

produzir ações que viessem a fortalecer a identidade e as práticas sustentáveis das comunidades com as quais trabalham.

Estávamos desenvolvendo uma discussão acerca da influência da tecnologia nas comunidades e foi quando Emilie, uma atriz canadense de origem indígena, nos contemplou com um relato repleto de “saberes”:

Ter uma casa com quartos separados já é tecnologia. Quando alguém brigava na nossa tribo era necessário dormir junto em torno da fogueira e tudo tinha que se resolver ali. Quando se caçava devia-se partilhar o alimento para não estragar, mas com o surgimento da geladeira é possível guardar e conservar a carne. Isso muda os padrões de comportamento e interfere na forma de agir e pensar do grupo.⁵

Na fala de Emilie Monnet vemos o quanto pode ser prejudicial para uma comunidade a interferência externa sem o devido cuidado. Interferência esta que não leva em consideração os valores, as crenças e a cultura das pessoas. Por isso, quando nos aproximamos de uma comunidade para trabalhar com arte, também precisamos nos aproximar do universo simbólico dessas pessoas, da maneira como elas constroem suas regras de convivência e como fundamentam a sua cultura.

Segundo Assunção e Marques (2009):

A cultura enquanto produção humana compõe um universo simbólico cuja rede de relações e significações lançam o homem num mundo codificado e repleto de referentes não-arbitrários (porque estabelecidos convencionalmente) mas cuja ambivalência (ou mesmo plurivalência) de objetos e significados são constantemente interpretados. Ora, o homem é um produtor de símbolos por excelência, já que estes são o elemento mediador entre si e o mundo. (p. 11).

Partindo deste princípio, quando chegamos na comunidade da Vila de Ponta Negra, primeiro pedi aos alunos que apenas conversassem com as pessoas e deixassem que elas nos dissessem do que estavam precisando. Pois na Vila acontece uma série de manifestações culturais: Coco de Roda, Pastoril, Congos de Calçola, Boi de Reis, Lapinha, Capoeira, isso sem contar o trabalho das rendeiras e o artesanato produzido no local.

Pretendíamos trabalhar o teatro com eles, porém, as atividades desenvolvidas na vila já traziam em si muita teatralidade, e o nosso trabalho seria mais no sentido de ajudar a organizar aquilo que já existia do que propriamente propor algo novo. Muitas vezes é preciso ter sabedoria para

⁵ Relato da atriz Emilie Monnet – Sig 7: Comunidade e Desenvolvimento Sustentável – 7º Congresso Mundial do IDEIA 2010. Belém/PA, Brasil.

entender que a melhor ajuda é justamente não querer fazer demais, nem querer fazer pelo outro.

Um problema ficou evidente nos nossos primeiros encontros, a comunidade sentia que estava perdendo seu espaço para as Forças Militares. Há na região uma base de lançamento de foguetes chamada de “Barreira do Inferno”, e a Marinha Brasileira também patrulha o local determinando onde os pescadores podem ou não pescar. Ouvimos relatos de pescadores que disseram ter a autorização do IBAMA, mas ainda assim, como a área de pesca não é delimitada, tudo fica a cargo das ordens que eles recebem dos oficiais. Um diz que pode pescar ali, o outro diz que não pode, e assim, eles vivem numa constante incerteza.

As mulheres da Vila também adentravam no meio da mata para coletar mangabas, fruto típico da região, porém, foram colocadas cercas impedindo-lhes o acesso, e a situação está cada vez mais difícil para algumas famílias que sobrevivem da pesca e coleta de frutos. Por isso, a comunidade, tem buscado formas alternativas de subsistência e, com isso, os moradores têm que abrir mão de crenças, valores, “saberes” e “fazeres”.

As manifestações culturais que ainda resistem na Vila de Ponta Negra são resquícios da identidade de um povo, porém, estas também estão ameaçadas, pois as novas gerações, em função do crescimento urbano têm perdido o interesse por elas. Em 2010 quando decidimos participar da Festa de São João, padroeiro da Vila, vimos que poucos jovens se envolveram com a organização do evento. A maior parte das pessoas envolvidas eram os integrantes dos Grupos de Cultura Popular e dos Projetos de Pesquisa e Extensão desenvolvidos pela Universidade.

Alguns Mestres da Cultura Popular ainda tentam fortalecer esta identidade nas novas gerações com o Grupo dos Conguinhos, da Lapinha e da Resistência da Lata, que são formados basicamente por crianças e adolescentes, no entanto, há uma preocupação dos mais velhos de que estes “saberes” estejam sumindo. Muitas vezes a comunidade precisa sim passar por adaptações e algumas delas são necessárias. Porém, é preciso analisar em que medida elas trazem ou não benefícios ao coletivo.

Voltando às reflexões promovidas no Congresso do IDEA, ficamos sabendo de uma comunidade indígena onde as pessoas deixaram de se vestir como índios e começaram a usar roupas. Contudo, na convivência com eles, podia-se perceber a relação íntima das crianças com a terra e com as plantas. Na realidade, a mudança do aspecto externo não matou a identidade que residia no íntimo da comunidade.

Outro exemplo discutido foi a implantação de uma escola convencional num assentamento do MST. Para que de fato a escola funcionasse foi necessário adaptar a escola às necessidades da comunidade, antes da implantação fez-se necessário conhecer os elementos que compunham a identidade deles e entender a relação deles com a terra. Foi assim que a escola se colocou numa relação de diálogo: valorizando a identidade do grupo.

Pode ser difícil falar sobre essa relação de identidade num assentamento, no entanto, mesmo com a instabilidade em relação ao espaço físico, a relação

com a terra continua viva. E esta identidade está intimamente ligada aos fatos sociais, que também remetem ao universo simbólico da comunidade:

Os fatos sociais são simbólicos. Desta forma, a cultura é simbólica pois pode ser considerada como um conjunto de sistemas simbólicos, como por exemplo a linguagem, as regras matrimoniais, as relações econômicas, a arte, a ciência, a religião, entre outros. Assim, a explicação do símbolo pelo “real” é ilusória, sendo naquela interpretação da cultura que necessitamos instalar-nos, recusando toda e qualquer redução ao naturalismo. Por exemplo, o mito e o ritual não são para serem compreendidos em função do real, uma vez que consistem numa organização da experiência sensível no âmbito de um sistema semântico. (ASSUNÇÃO E MARQUES, 2009, p. 9-10).

Assim, no período de um ano e meio frequentando a Vila de Ponta Negra, pudemos reunir informações que permearam o nosso universo simbólico e nos aproximaram daquela comunidade. Começamos a nos ver e nos reconhecer enquanto seres humanos, cada qual com sua Vila, cada qual com as suas dificuldades, mas com muitas histórias em comum, e isso nos ajudou a produzir um espetáculo teatral que deu vida às “Histórias de Pescador”. Histórias que preencheram nossos corpos e que acordaram memórias, que foram resignificadas artisticamente alimentando nossos contos, nossas partituras corporais e nossas canções.

A criação do espetáculo “Santa Cruz do Não Sei”⁶ foi a maneira que encontramos de dialogar com a comunidade, e quando o espetáculo foi apresentado para a população, verificamos que o produto artístico desenvolvido por nós de alguma maneira ressoava dentro daquelas pessoas, e que de alguma forma, havíamos conseguido captar as inquietações que permeavam o universo simbólico da Vila dando voz a elas.

Um dos Mestres da Vila, Seu Pedro Correia, foi assistir à apresentação do espetáculo “Santa Cruz do Não Sei” realizada no Conselho Comunitário, e assim que esta terminou, ele veio nos falar sobre a “onda gigante que invadiu a vila”. Para ele a história da onda que contamos no espetáculo remetia à onda da expropriação imobiliária, à onda que vem passando por cima de todos e levando consigo os “saberes” daquela comunidade.

⁶ Release: O espetáculo “Santa Cruz do Não Sei” retrata um universo arquetípico, que faz emergir histórias, canções e símbolos que se espelham na cultura popular a fim de resgatar as relações ritualísticas presentes nas festas, brincadeiras e tradições brasileiras. Uma dramaturgia de situações que se torna viva e pulsante diante do espectador. Oito atores e um tema unindo seus destinos: as histórias do mar, dos pescadores e de suas famílias... Velhos, mulheres, crianças... Arquétipos do nosso inconsciente coletivo que ganham corpo e nos puxam pela mão a fim de propor um jogo de fantasia e realidade, de dor, de tristeza, de alegrias e de sonhos. (Mais Informações no Blog Oficial do Grupo Arkhétypos: <http://arkhetyposgrupodeteatro.blogspot.com/>)

O mito da força das águas é retratado no espetáculo e faz parte do universo simbólico dos moradores da Vila de Ponta Negra, e quando o transportamos para dentro do espetáculo ele é lido e resignificado pela comunidade, daí a importância de se conhecer a realidade das pessoas e os signos que permeiam este universo.

Joseph Campbell em seu livro “O poder do mito” fala-nos sobre a importância das histórias e sobre a função do mito nas sociedades:

Nós vemos o que acontece quando sociedades primitivas são desmanteladas pela civilização do homem branco. Elas se partem em pedaços, se desintegram, se tornam enfermas. Não é o que vem acontecendo a nós próprios desde que nossos mitos começaram a desaparecer? (CAMPBELL, 1990, p. 13).

Ainda sobre o mito das águas, convém lembrar que o Congresso IDEA 2010 aconteceu em Belém às margens do Rio Amazonas, que adquire este nome a partir da confluência do Rio Negro em Manaus. Esta confluência oferece um dos espetáculos mais belos do mundo: o “Encontro das Águas”, fenômeno que ocorre quando as águas escuras do Rio Negro navegam justamente com as águas barrentas do Rio Solimões durante vários quilômetros sem se misturar, oferecendo assim um espetáculo maravilhoso.

Foi isso o que procuramos fazer no projeto da Vila de Ponta Negra, caminhamos ao lado das pessoas, sem a pretensão de invadir o espaço delas, nos colocamos como parceiros e valorizamos o “encontro das águas”. Este ensinamento nos é dado pela força da natureza, e nos ajuda a pensar na relação da arte com a sociedade: um caminhar conjunto, que promove um espetáculo maravilhoso.

Isso é pensar coletivamente, respeitando o indivíduo, o espaço do outro e a cultura do outro, ajudando o outro a se fortalecer pelo que ele é e não pelo que queremos que ele seja. Quando pensamos em diálogo, temos que pensar as diferenças, pois o diálogo pressupõe o diferente, e esta experiência de “troca” é que vai fortalecer a identidade. É tal como propõe Paulo Freire: “embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado” (FREIRE, 1996, p. 23). E neste sentido é importante pensar que não estamos sós, pois do outro lado do planeta também tem gente disposta a “trocar”.

Na tentativa de colocar em prática esse diálogo, trago uma questão levantada por Evelyn Liang no Congresso IDEA 2010. A palestrante da China dava seu depoimento acerca de um trabalho musical desenvolvido com crianças do Sri Lanka, vítimas do tsunami e sobreviventes do terremoto em Sichuan, quando fez a seguinte colocação: “Como trabalhar e pensar coletivamente numa sociedade que age e pensa individualmente?”⁷

⁷ Palestra proferida por Evelyn Liang: “Artes nas comunidades maltratadas”. In: Congresso IDEA 2010. Belém/PA (22/07/2010).

Este sem dúvida é um dos maiores desafios para quem se propõe a agir no universo do teatro, da arte e da educação, pois precisará a cada instante buscar maneiras de fazer o homem se re-conectar com ele mesmo, numa integração corpo-mente-espírito, numa reconexão com o meio ambiente, com a cultura e com a vida.

Houve um dia no Congresso IDEA 2010 que fomos visitar as comunidades ribeirinhas, e neste dia pegamos um barco e navegamos até a Ilha de Mari-Mari. Ao nos aproximarmos do local fomos recebidos por um Cortejo de Canoas e em seguida desembarcamos na ilha. Passeamos pelas trilhas das castanheiras e conhecemos as samambaias azuis. Almoçamos com a comunidade e assistimos a uma peça encenada pelas crianças. Porém, o que mais nos chamou a atenção foi o tom religioso de uma comunidade que vivia no meio da mata. E quando perguntamos a respeito das crenças deles, dos costumes, tivemos a resposta de uma comunidade catequizada. O universo simbólico da população havia sido devastado, e a cultura do europeu pareceria falar mais alto que a própria relação com a mata.

No fim da tarde, depois da chuva, quando estávamos quase retornando aos barcos, seu Tião (nosso guia e morador da comunidade), nos apresentou uma pedra à beira do caminho e nos contou uma história acerca de um menino negro que de vez em quando aparecia sentado em cima dela. O tal menino tinha a função de proteger a floresta e a comunidade. Ali percebemos que eles ainda guardam os traços da sua identidade. A pedra faz parte do universo simbólico daquelas pessoas e essa história tem um significado que só eles conhecem.

No meio da mata uma comunidade respira e o menino que protege a floresta sobrevive no recôndito imaginário das pessoas. Por isso, penso que precisamos estar atentos a este silencioso processo de transformação, para não sermos tragados por ele. Precisamos proteger nossa identidade e resguardar nossa “alma”, pois ela anima nossos corpos e fomenta nossas ações. E a arte tem uma função primordial neste sentido, pois ela adentra no nosso universo simbólico permitindo a resignificação de nossas experiências e abrindo espaço para o “encontro das nossas águas”.

Este é o primeiro passo para que se possa pensar numa arte que fato dialoga numa perspectiva de formação, de educação e de sustentabilidade. Porém, para se chegar nesse denominador comum é preciso fortalecer o diálogo e valorizar a experiência, esta é uma das preocupações de Dan Baron Cohen, presidente do IDEA:

As atuais propostas do IDEA são o fruto das decisões tomadas por nossos membros e seguidores, baseadas em décadas de experiências pessoais e internacionais. Através de intensos debates desde nossa fundação em 1992, IDEA tem se unido em torno de um princípio: que todos os seres humanos tenham a capacidade e o direito de aprender as linguagens criativas e

as habilidades necessárias para se tornar humano e para criar um mundo justo e pacífico.⁸ (IDEA, 2010, s/p).

Ao relacionar a experiência prática com o tema Teatro, Comunidade e Universo Simbólico, não há como desconsiderar os aspectos éticos e humanos decorrentes deste “encontro”. Todavia, o objetivo principal deste artigo é gerar uma reflexão que possa transcender os discursos teóricos e que direcione o nosso olhar para a experiência do teatro vivo.

Por fim, tomo a liberdade de compartilhar um poema autoral criado no último dia de encontro do SIG 7. O citado poema reflete um pouco do universo simbólico dos artistas, pesquisadores e demais colaboradores que passaram em nosso *Grupo de Interesse* para partilhar suas experiências:

Água⁹

A água corre pelo rio.
Uma barragem é construída.
A água encontra uma brecha e escoo pela pedra.
Um dia a força da água rompe a barragem.
Somos todos gotas d’água.

BIBLIOGRAFIA

ARKHÉTYPOS. **Blog Oficial do Grupo Arkhétypos**. Disponível em: arkhetyposgrupodeteatro.blogspot.com Acesso em: 07 de out. 2011.

ASSUNÇÃO, S.; MARQUES, B. **Babel ou o Início Simbólico**: Caminhos para uma Pedagogia do Sujeito. Covilhã: LusoSofia, 2009.

BURNIER, L. O. A arte de ator. In: **Revista do Lume**, nº 2. Campinas: Lume, 1999. p. 10-11

⁸ Tradução minha para: “Las actuales propuestas de IDEA son el fruto de las decisiones tomadas por nuestros miembros y seguidores, basándose en décadas de experiencias personales e internacionales. A través de muchos intensos debates desde nuestra fundación en 1992, IDEA se ha unificado mediante un principio: que todos los seres humanos tienen la capacidad y el derecho de aprender los lenguajes creativos y las habilidades necesarias para ser humano y para crear un mundo justo y pacífico” (IDEA, 2010, s/p).

⁹ O poema acima, além de refletir as questões debatidas no grupo, também faz alusão à construção da barragem da Usina de Belo Monte, discussão polêmica entre o Governo e a Comunidade.

- CAMPBELL, J. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 1990.
- CASCUDO, L. da C. **História dos nossos gestos**. São Paulo: EDUSP, Belo Horizonte: Itatiaia, 1987.
- COHEN, D. B. **Texto informativo**. Disponível em: www.idea2010.art.br Acesso em: 24 de nov. 2010.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- HADERCHPEK, R. C. **A poética da direção teatral: o diretor-pedagogo e a arte de conduzir processos**. Campinas: [s.n.] 2009. Tese de Doutorado, UNICAMP.
- IDEA (Org.). **Texto informativo**. In: 7º Congresso Mundial IDEA (2010). Disponível em: www.idea-org.net/en/ Acesso em: 24 de nov. 2010.
- JUNG, C. G. **Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- LARROSA, J. **Pedagogia Profana: danças piruetas e mascaradas**. 4a. ed. Tradução de Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.